



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ADRIANA SOARES DAS NEVES
CICERA SINAYDE LACERDA DA SILVA**

GESTÃO FOCADA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

CAJAZEIRAS - PB

2007

**ADRIANA SOARES DAS NEVES
CICERA SINAYDE LACERDA DA SILVA**

GESTÃO FOCADA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2007



N518g Neves, Adriana Soares das.
Gestão focada na educação inclusiva / Adriana Soares das Neves; Cicera Sinayde Lacerda da Silva. - Cajazeiras, 2007. 32f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação inclusiva. 2. Escola Inclusiva. 3. Gestão escolar. I. Silva, Cicera Sinayde Lacerda da. II. Lima, Maria Janete de. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que nos concedeu esta caminhada fazendo-nos seguir com coragem e vitória;

Aos nossos familiares que contribuíram bastante para o êxito desta difícil jornada, apoiando-nos em cada etapa de nossa vida acadêmica;

Aos nossos amigos, que nas dificuldades encontradas ajudaram-nos a enfrenta-la;

Aos nossos professores que, direta ou indiretamente, nos proporcionaram o crescimento pessoal e social.

RESUMO

A inclusão não se restringe apenas a escola, mas a qualquer outro lugar de convívio social. Lugares onde todos devem ser respeitados como são inseridos no contexto cultural independente de estar ou não dentro dos padrões estabelecidos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu pressuposto geral, deixa claro que os seres humanos nascem livres e iguais sem distinção alguma, no mediantes de cor, de sexo de língua, de religião de nascimento ou de qualquer outra situação, todos são iguais perante a lei bem como o direito a educação assim cria-se a oportunidade da escola para todos, que se efetiva no propósito da escola inclusiva, um processo gradual e contínuo que está relacionado à reforma de todo o sistema de ensino de maneira geral. A educação inclusiva deve ter como ponto de partida o cotidiano: o coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os alunos com necessidade especiais ou não precisam aprender, ter acesso a educação inclusiva e a atenção a diversidade demanda uma maior competência profissional dos professores e projetos educativos mais amplos e diversificados que possuem adaptar-se as distintas necessidades de todos os alunos. Implicam maior flexibilidade e diversificação da oferta educativa que asseguram que todos os alunos obtenham as competências básicas, estabelecida no currículo escolar, por meio de diferentes propostas e alternativas quanto as situações de aprendizagem, horário matérias estratégias de ensino. Implica também o desenvolvimento de um currículo que seja significativo para todos os meninos e meninas e não somente para aqueles que pertencem as classes e culturas dominantes. Trata-se, em definitivo de avançar cada um. Enfim um maior nível implica avançar para a criação de escolas que acolham a todas as crianças e dêem respostas às suas necessidades específicas. O Desenvolvimento de escolas inclusivas é um meio fundamental para avançar para sociedade mais justas, integradas e democráticas.

PALAVRAS - CHAVE: Inclusão, Diversidade, Escola Inclusiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPITULO I – UM RESGATE TEÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	08
1.1. Inclusão e Educação Inclusiva.....	08
1.2. Escolas na perspectiva inclusiva.....	09
1.3. Benefícios que a escola traz para alunos, professores e sociedade em geral.....	13
1.4. Barreiras para se efetivar a inclusão escolar.....	16
1.5. Adaptação escolar na perspectiva inclusiva.....	18
CAPITULO II – ANÁLISE DOS DADOS.....	22
2.1. Estudo de caso.....	22
2.2. Análise dos questionários.....	23
2.3. Análise do estágio.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXOS.....	35
Anexo I – Questionário.....	36
Anexo III – Fotos	38

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por tema a Gestão focada na Educação Inclusiva e está estruturado em três capítulos, onde o primeiro trata do resgate teórico sobre a Educação Inclusiva, que se dividem em cinco subtítulos denominados: inclusão e educação inclusiva, escolas na perspectiva inclusiva, benefícios que a escola inclusiva traz para alunos e professores e sociedade em geral, barreiras para se efetivar a inclusão escolar e a adaptação escolar na perspectiva inclusiva. O segundo capítulo trata da análise dos dados da pesquisa, a análise das atividades realizadas no estágio supervisionado, e por fim as considerações finais.

A presente análise tem como objetivo discutir a pluralidade de sentidos atribuídos ao conceito de inclusão escolar. No qual parte de um estudo teórico, onde se destaca pontos importantes nesse processo. E em seguida de uma pesquisa de campo acompanhada de um estudo de caso refletido e por ultimo a análise das atividades desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Leomar Leite na cidade de Conceição-PB com gestores da Rede Municipal de Ensino.

A discussão acerca o conceito de inclusão é bastante relevante no trabalho pautado na visão da educação inclusiva. Esse ponto se inicia com o questionamento do significado da inclusão na educação. Primeiramente o que precisa se ter em mente é que a inclusão é uma questão de direitos, e a educação inclusiva aspira fazer efetivo o direito a educação, igualdade de oportunidades e de participação. O direito de todas as crianças á educação encontra – se consagrado na Declaração dos Direitos Humanos e reiterados nas políticas educacionais dos Países.

As escolas inclusivas representam um marco favorável para garantir a igualdade de oportunidade e a completa à participação, como também contribuem para uma educação mais personalizada, fomentam a solidariedade entre todos os alunos e melhora a relação custo benefício de todo o sistema educacional. Nesse sentido a educação inclusiva considera a diversidade para enriquecer os processos de aprendizagem, contribuindo, assim para o melhoramento da qualidade da educação.

Além de objetivarmos a identificação da importância de se ter a consciência da efetiva inclusão escolar, objetivamos também pontos de relevância para sua concretização. Dos quais constam de uma mudança. E essa mudança requer nas concepções e atitudes no âmbito dos políticos e do sistema educacionais e sobre tudo na prática educacional. Assim sendo, acreditamos que o presente trabalho se constitui numa contribuição para repensar o tema em destaque, tanto na sociedade como na prática educativa.

CAPITULO I

UM RESGATE TEÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

1.1 Inclusão e Educação Inclusiva

Para iniciarmos o trabalho com a temática em questão precisa-se primeiramente para da concepção de inclusão. Por tanto incluir não é simplesmente inserir uma pessoa na sua comunidade e nos ambiente destinados á sua educação, saúde, lazer e trabalho. Incluir implica em acolher a todos os membros de um dado grupo, independentemente de suas peculiaridade; é considerar que as pessoas são seres únicos, diferente um dos outros e, portanto, sem condições de serem categorizados. A educação inclusiva aspira fazer efetivo o direito à educação, a igualdade oportunidades e de participação. E o direito de todas as crianças a educação encontra-se consagrado na Declaração dos Direitos Humanos e reiterando nas Políticas educacionais dos países. Porém, ainda existem milhões de crianças e adultos que não tem acesso, a educação que recebem uma educação de menor qualidade. Todas elas sem distinção têm o direito de serem assistidas nas escolas de sua comunidade, participando nas atividades com todos os seus companheiros e no currículo comum, como também de se educarem em um mesmo contexto, para futuramente integrar e participar da vida social. O princípio fundamental do Marco da Ação da Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais, garante esse direito quando diz:

Que todas as escolas devem acolher a todas as crianças, independente de suas condições pessoais culturais ou sociais; crianças deficientes e superdotadas, altas habilidades, crianças de rua, minorias etnias, lingüísticas ou culturais, de zonas desfavorecidas ou marginalizadas, o qual traça um desafio importante para os sistemas escolares. As escolas inclusivas representam um marco favorável para garantir a igualdade de oportunidades e a completa participação, contribuem para uma educação mais personalizada, aumentam a solidariedade entre todo alunos e melhoram a relação custo benefícios de todo o sistema educacional. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Com isso, o enfoque de reflexão e de investigação pelo professor deve estar no processo de como a criança pensa e não na preocupação voltada para o conteúdo, pois esse é apenas um instrumento para o desenvolvimento. Estar aberto para o novo, para o diferente, para o imprevisível e ir ao encontro do outro exige renúncia ao controle em um estado pleno

de vulnerabilidade. Pensar e refletir sobre a prática docente solicita um exercício de ser desfazer e fazer-se novamente, de forma crítica e apoiada na realidade concreta.

A educação inclusiva implica uma visão diferente da educação comum, baseada na heterogeneidade e não na homogeneidade, considerado que cada aluno tem uma capacidade, interesse, motivações e experiência pessoal única. Daí a ênfase está em desenvolver uma educação que valorize e respeite as diferenças, vendo-as como oportunidade para otimizar o desenvolvimento pessoal e social e para enriquecer os processos de aprendizagens. Isso significa atender a diversidade, a qual demanda uma maior competência profissional dos professores e projetos educativos, que possam adaptar-se os distintos necessidades de todos os alunos. Nesse sentido é importante ressaltar a efetiva adaptação na perspectiva inclusiva, sendo assim:

Na versão inclusiva, a adaptação é o testemunho de emancipação intelectual e consequência do processo de autorregulação de aprendizagem, em que o aluno assimila o novo conhecimento, de acordo com sua possibilidade de incorporá-lo ao que já conhece”. Entender esse sentido emancipador da adaptação intelectual é importante, pois muitos confundem adaptação com que é exigido dos alunos na modalidade de inserção conhecida como “integração escolar”, na qual eles precisam adaptar-se às exigências da escola para não ser excluídas e/ ou encaminhados a serviços educacionais segregados, onde se preparam para poder cursar a escola comum. Surgem daí equívocos que justificam a “adaptação curricular” e outros aparatos pedagógicos limitante que não caminham na direção de um ensino verdadeiramente, inclusivo, uma vez que prejudica as possibilidades de aprendizagem do aluno. (MANTOAN, 2004, p. 13).

1.2 Escolas na Perspectiva Inclusiva.

Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma coisa muito importante, respeitar as diferenças, sendo esse o primeiro passo para uma sociedade mais justa. Esta favorece o desenvolvimento de atividades da solidariedade, cooperação, o respeito e a valorização das diferenças, viver essa experiência da diferença, trás benefícios para todos, pois tanto ganha os alunos, os professores e sobre tudo a sociedade em geral.

Para tal benefício o professor da escola inclusiva deve avançar em direção a diversidade. É necessário deixar de ser mero executor de currículos e programas pré-determinados, para se transformar em responsável pela escolha de atividades, conteúdos ou experiências mais adequadas ao desenvolvimento das capacidades fundamentais dos seus alunos, tendo em conta o nível e as necessidades deles.

É importante ressaltar que o professor no cotidiano escolar precisa reconhecer e responder as necessidades diversificado de seus alunos, bem como acomodar diferentes potencialidades, estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade. Porém, só a formação do professor não é suficiente para o estímulo de criatividade e das inteligências individuais dos alunos, pois, além da ação docente em sala de aula, existem outros fatos que devem ser levados em consideração, como o currículo apropriado e flexibilizado que conduzirá a práticas pedagógicas realmente heterogêneas. E o estímulo das potencialidades de cada aluno no cotidiano escolar deve ser trabalhado por essas praticas heterogêneas que levam em conta a singularidade e a complexidade dos sujeitos.

Para tal prática, faz-se necessário que os professores e as escolas estejam convencidos da necessidade e da viabilidade de transformação da sua prática para que busquem construir condições psíquicas e profissionais adequados ao trabalho de inclusão de todos os alunos. A ausência de tal comunicação impede a construção de um currículo suficientemente amplo e adquirido para atender as necessidades desses alunos e da sociedade. Impede também a redefinição de critérios de agrupamentos de alunos, de avaliações de rendimentos e de valorização de conquistas.

Cabe aqui frisar a avaliação na perspectiva educacional, inclusive uma vez que é um dos fatores que pode impedir a inclusão educacional, isto quando, na maneira tradicional que só cobrar dos alunos o que foi transmitido pelos professores. Uma avaliação efetivamente inclusiva pode-se fazer assim:

Planejada para todos, em que o aluno aprende a analisar a sua produção de forma crítica e autônoma. Ele deve dizer o que aprendeu o que acha interessante estudar e como o conhecimento adquirido a sua vida. Avaliar estudante emancipado é, por exemplo, pedir para que eles próprios inventem uma prova. Assim mostram o quanto assimilaram o conteúdo. Aplicar testes com consultas também é muito mais

produtivo do que cobrar decoreba. A função da avaliação não é medir se a criança chegou a um determinado ponto, mas se ela cresceu. Esse mérito vem do esforço pessoal para vencer as limitações, e não de comparação com os demais! (CAVALCANTE, 2005, p.42).

Percebemos que a avaliação na concepção inclusiva, precisa mudar para que se possa atender a característica de um ensino para todos. Nós sabemos que não é uma tarefa fácil, uma vez que a avaliação tem sido um instrumento de poder da escola. Porém na perspectiva de uma educação inclusiva, o fim da avaliação não é classificar ou rotular os alunos, mas sim identificar o tipo de ajuda e recursos que precisam para facilitar o processo de ensino – aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social.

Assim sendo, na visão dada pela inclusão escolar exige que lembremos que o compromisso da educação tem como base a adaptação os seus próprios recursos e instrumentos como; a observação, o diálogo, a negociação e a avaliação que vem a reforçar a ação do educador. E o professor que não é capaz de flexibilizar objetivos e planejar com certo nível de individualização não será capaz de trabalhar com as classes heterogêneas que historicamente constituíram o campo de atuação escolar.

Atualmente muitas escolas tradicionais vivem um grande desafio da inclusão, e existem muitas barreiras para as diferenças. Daí surge a necessidade da gestão escolar trabalhar na perspectiva de tal organização, através de mudanças rápidas e concretas. E para isso faz se necessário a participação de toda comunidade escolar, ou melhor, todos os membros da escola devem ser “co-responsáveis” por tantas mudanças para que assim tornem-se mais significativas. Então de acordo com o Prais:

A administração colegiada, a seletiva como prática democrática de decisões, deve ser capaz garantir a participação de todos os membros da comunidade escolar, a fim de que assumam de que assumam o papel de co-responsáveis no projeto educativo da escola e por extensão, na comunidade social (PRAIS, 2003, p. 82).

Agindo nessa direção a escola e a comunidade de solidificará e buscará através de conversas as soluções mais significativas em suas decisões, pois a mesma, se envolvera mais. É verdade que ainda não há preparação para tal diversidade, mais é preciso que se busque tal

objetivo. Sabemos que é o papel da escola atender a todo sem nenhuma distinção, por isso que se faz necessário a busca de um novo caminho educacional.

Falar em inclusão ainda é coisa muito estranha, pois muitos educadores não se sentem preparados por que não conhecem nada sobre os vários transtornos que afetam as diversas crianças. A inclusão é um momento que busca estabelecer uma sociedade mais justa, no entanto estaremos sempre correndo risco de excluir e para que as inclusões predominem, ou melhor, prevaleça é preciso criar espaços de escuta e discussões nas instituições, olhar cada criança uma a uma, cuidar das instituições de ensino, nas suas estruturas internas e cria pontos externos com todos aqueles que se ocupam de criança.

O papel da escola é respeitar as diferenças através de uma gestão reflexiva e problematizadora que tem como objetivo o ser cidadão. Os movimentos educacionais devem focalizar a convivência da democratização sócio-cultural entre os diversos grupos e culturas que se dá baseado no respeito à diferença. Tal perspectiva se configura em uma proposta de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola regular que tem como objetivo maior promover a igualdade e oportunidade para todos.

Então, diante de tal fato faz-se necessário que o projeto de inclusão esteja contemplado no projeto pedagógico da escola para que se solidifique de fato, com isso “a proposta pedagógica leva em conta também as necessidades de adaptação dos alunos com deficiências a pessoa e ambiente novos” (MENESES, 2005).

As ações que já estão implementadas com base nos princípios da inclusão revelam que a conscientização de todos os educadores é prioritária. Também são relevantes as condições da escola, o projeto político pedagógico, o envolvimento da gestão educacional a mobilização dos pais e alunos. Essa mudança que envolve toda a comunidade escolar é necessária e contempla hoje não somente a inclusão dos alunos com diferença, mas os alunos que encontram-se em situação de risco, de não atingir um nível adequado de aprendizagem.

Assim falar de inclusão no campo escolar implica no primeiro momento, ter clareza que ela não se destina exclusivamente a uma minoria social determinada, pelo contrario, ainda é necessário pensar numa outra escola, sem discriminação e que não reforce os diferentes

conflitos históricos da sociedade, que não personifique o aluno como marca ou estigma, diferenciando ou categorizando, mas como sujeitos de suas próprias construções históricas.

Agindo assim, a escola estará estimulando a aprendizagem de todos e ao mesmo tempo desmistificando certos preconceitos e estereótipos que foram construídos culturalmente ao longo da história, expressando consciente ou inconsciente a negação de que pessoas com necessidades especiais são incapazes a interação e possuem grandes limitações. De fato, as praticas escolares convencionais, realmente não dão conta de atender as várias deficiências em todas as suas manifestações e devido a isto excluem o aluno. Por isso que tais práticas devem ser revistas, pois o papel da educação é romper as desigualdades educacionais e ser um instrumento de mobilização social oferecendo uma maior diversidade dentro da escola através de respostas heterogêneas e não homogêneas como vem acontecendo nos dias atuais.

1.3 Benefícios que a escola inclusiva traz para: alunos, professores e sociedade em geral.

Assim a escola para estar inserida no processo de inclusão precisa se estruturar e modificar-se no sentido de oportunizar a todos os portadores de necessidades educacionais especiais a conviver com os demais colegas em sala de aula e bem como em sociedade. Para isso, a escola deve preparar em seu espaço físico, bem como o acolhimento proporcionado aos alunos.

Disto percebe-se que a integração educacional contribui muito para meninos e meninas com deficiência por que proporcionam uma melhor integração social, contudo “o principal argumento em defesa da integração tem a ver com uma questão de direito e com critérios de justiça e igualdade”. Estudo tem mostrado que se a integração é realizada em condições adequadas, beneficia não somente aos alunos integrados, como também os demais alunos uma vez que aprendem com uma metodologia mais individualizada; dispõem de mais recursos e desenvolve valores e atitudes de solidariedade, respeito e colaboração como afirma Cavalcante:

Infelizmente, este quadro não é comum na maioria das escolas brasileiras. Por falta de informação ou omissão dos pais, de educadores do poder público, milhares de crianças unidas vivem escondidas em casa ou isoladas em instituições especializadas – situações que priva as crianças com ou sem deficiências de conviver com a diversidade. O motivo principal

de eles estarem na escola é que lá vão encontrar um esforço genuinamente democrático, onde partilham o conhecimento e a experiência como diferente (CAVALCANTE, 2005, p.40).

A constituição assegura a escola como um direito de todos, pois a mesma busca-se nos princípios da cidadania e dignidade de todas as pessoas e defendem a não discriminação, então a escola não pode se equivocar e com isso rejeitar alunos com necessidades especiais esteja ela preparada ou não. Com isso fica claro na constituição de 1998 no capítulo destinado a educação no artigo 208 inciso III, prever que os alunos portadores de deficiências seja educados preferencialmente na rede regular de ensino. A política nacional da educação especial esta fundamentada na Constituição Federal de 1998, Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990), que dispõe em seu artigo 3º que

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por Lei, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB, Lei 9.394/96) que define educação especial como a modalidade escolar para educando “portadores de necessidades especiais”, preferencialmente na rede regular de ensino (capítulo V, artigo 58). Nesse sentido, os representantes do governo evocam a Declaração de Salamanca, documento elaborado por ocasião da Conferência de Salamanca realizada na Espanha de 07 a 10 de junho de 1994 com a presença de mais de 392 representantes governamentais, entre eles representantes brasileiros e mais de 25 organizações internacionais com representantes da UNESCO e das Nações Unidas.

O direito a participar implica que todos os meninos e meninas tenham direito a serem assistidos nas escolas de sua comunidade, participando nas atividades com todos os seus companheiros e no currículo comum tanto quanto seja possível. Todos os meninos e meninas têm direito a serem educados em um contexto comum, que assegure sua futura integração e a participação na sociedade.

O direito a educação não significa somente o acesso a ela, como também, que essa seja de qualidade e garanta que os alunos aprendam. O direito a educação é também o direito a aprender e a desenvolver-se plenamente como pessoa. Para que isso seja possível é

fundamental assegurar a igualdade de oportunidade, proporcionando o que necessita, em função de suas características e necessidades individuais.

Com isso o direito a própria identidade significa assegurar a individualidade de cada sujeito na sociedade, respeitando a cada pessoa pelo que é, e reconhecendo sua liberdade e autonomia. A escola não somente é um espaço fundamental para a transmissão da cultura e da socialização, como também para a construção da identidade pessoal.

A educação é um direito de todos, só que isto não significa somente o acesso. Para qualidade de ensino é preciso que a escola garanta critérios no seu modo de ensinar proporcionando assim a aprendizagem de cada educando, desenvolvendo plenamente todas as suas habilidades e garantindo a qualidade de oportunidade para todos, assim a instituição escolar estará desenvolvendo a autonomia do educando.

A educação na diversidade é um meio essencial para o desenvolvimento e a compreensão mútua o respeito e a tolerância que são os fundamentos do pluralismo, a convivência e a democracia. Por isso é fundamental que as escolas instâncias fundamentais para a socialização dos indivíduos, ofereçam a possibilidade de aprender e vivenciar esses valores.

As escolas inclusivas favorecem o desenvolvimento de atividades solidárias e cooperação, respeitando e valorizando as diferenças, com isto facilita o desenvolvimento de uma cultura de paz, com sociedade mais justa e democrática. Nesse sentido é certo, que o Gestor deve necessariamente exercer sempre uma liderança, mas uma liderança democrática, criando assim a democratização de todos os indivíduos e possibilitando o respeito na diferença de todos os seres humanos. Sendo assim:

Ser humano nenhum pode viver isolado do contato com seus semelhantes e este fato encerra a questão política essencial da humanidade: cada ser humano, como sujeito que é e que faz de seu entorno seu objeto, precisa conviver com outros sujeitos sem reduzi-los (e sem reduzir-se) a objeto. Isso se evidencia a necessidade de relações de colaborador entre os homens visto que a qualquer pretexto, as relações de dominação as reduzem à condição de objeto, subtraindo-lhe a qualidade de sujeito, por tanto, desumanizando-o (Paro, 2001, p.52.).

1.4 Barreiras para se efetivar a inclusão escola.

Na realidade atual, sabemos que a escola precisa refletir muito sobre integração, pois a mesma ainda não é tão ideal, isto acontece porque ela se aplica mais a realidade de uns de que a de outros, ou seja promove uns e reprova outros, principalmente os que não se apresentam nos modelos da escola, com isto, a tendência maior é a que ocorra a evasão escolar. Sendo assim: é importante mencionar: “Que a invasão e reprovação acompanham a história de ensino público em nosso país, justificando as reformas e investimentos em educação desde os anos 20 e 30, de quando datam as iniciativas mais claras de organização do sistema público do ensino”. Assim a busca de soluções para os problemas educacionais não é também algo novo entre nós. Reformas de ensino foram numerosas e sempre se propuseram a resolver problemas de falta de acesso, ineficiência e baixo rendimento do sistema.

Outro fato importante a destacar é a inércia da sociedade e da escola que ainda continua tradicional e fechada a diversidade, isto acontece porque ainda persistem as desigualdades educacionais, ou seja, a educação não é capaz de romper o “circulo vicioso” da desigualdade, nem de ser um instrumento de mobilização social. Sendo essa uma das dificuldades para inclusão.

A falta de vontade política, por partes dos governantes, pode ser encarada também como dificuldade a inclusão, faz com que as barreiras aumentem cada vez mais, dificultando assim uma evolução de qualidade. Para isto, os governantes precisam garantir a oportunidade de igualdade para todos e incentivar os recursos à escola e aos professores para que assim enfrentem o desafio de construir uma escola inclusiva.

A perspectiva de uma educação inclusiva se dará através de uma transformação cultural nas escolas e da cooperação da comunidade escolar que se dá de maneira coletiva entre professores, pais, especialistas e os próprios alunos. Para tanto as estratégias da escola inclusiva, pressupõe mudanças em velhas práticas de ensino. O educador da educação inclusiva deixa de lado a passividade presente na escola tradicional e busca o crescimento do aluno de forma ativa. Em seus princípios norteadores, o professor tem compromisso em uma educação para todos, acolhendo todas as diferenças existentes nesse meio escolar.

Diante disso, cabe a instituição escolar refletir tal procedimento e tentar buscar meios de subsidiar para atender a todos sem nenhuma restrição. A compreensão dessa afirmação remete um compromisso da gestão que está evoluindo como um todo, dando suporte e orientando as mudanças a serem efetuados na escola, através de uma relação dialógica e da coletividade entre toda a comunidade escolar. Daí faz-se necessário a constituição de um projeto educativo coletivo. Nessa perspectiva cabe a gestão implementar a inovação da aprendizagem liderando todo o processo de articulação, pois o papel do gestor é dar direção ao processo de organização e formação cidadão. Assim sendo, a respeito da gestão é importante ressaltar que:

Que a gestão escolar é possível afirma que para da conta do seu papel, ela precisa se pelo menos, duplamente democrática. Por outro lado, porque ela se situa no campo das relações sociais aonde como vimos, torna-se ilegítimo o tipo de relação que não seja de cooperação entre os envolvidos. Por outro a característica essencial da gestão a mediação para a concretização de fins, sendo seu fim a educação e tendo este um necessário componente democrático, é preciso que esta a coerência entre objetos e a mediação que lhe possibilita a realização, posto que fins democráticos não podem ser alcançado de forma autoritária. (PARO, 2001 p.52).

Essas considerações até então enfocados a respeito da gestão são relevantes no processo de inclusão, uma vez que a participação efetiva do gestor é fundamental para o andamento da educação inclusiva, pois a inclusão pede mais soluções nas práticas educacionais. E quando o gestor trabalha numa ação coletiva, encontra saídas para os impasses procurados pela regularidade do aprendizado, geralmente estas soluções geram um ambiente mais propicio a aprendizagem de todos os alunos.

Convém destacar que inclusão não se restringe apenas à escola, mais a qualquer outro lugar convívio social. Lugares onde todos devem ser respeitados e inseridos no contexto cultural independente de estarem ou não dentro dos padrões estabelecidos.

Na base da exclusão está o poder e desigualdade social que acompanha. Porém, para a manutenção desta obra legítima das sociedades modernas (Neoliberalismo), a desigualdade precisa ser administrada, ou seja, os excluídos devem, de alguma forma, ser incluídos e sentir-se incluídos (SAWAIA, 2003, p. 56).

1.5 Adaptação escolar na perspectiva inclusiva.

Assim como a sociedade precisa mudar para incluir, a escola também precisa mudar suas práticas educacionais e essas mudanças significam transformar as culturas das escolas para que se convertam em comunidades de aprendizagem e de participação. A inclusão tem de ser um projeto de toda a comunidade educacional e requer a participação dos pais e da comunidade, já que somente e na medida em que seja um projeto coletivo se assegurará que toda a comunidade educacional se responsabilize pela aprendizagem e avanço de todos e cada um dos alunos. Para garantir a aprendizagem e a participação de todos os alunos, é necessário um trabalho colaborativo entre professores e pais, professores e especialistas e entre os próprios alunos.

Nesse sentido, é bom dar ênfase aos processos metodológica e matérias didático que facilitam aprendizagem e a participação de todos os alunos. A questão central é como organizar as situações de ensino para garantir o maior que possível de interação e participação de todos os alunos, sem perder de vista as necessidades concretas de cada um. A resposta à diversidade implica a utilização de uma ampla diversidade de estratégias metodológicas e a adaptação das tarefas de aprendizagem à possibilidade do educando.

A valorização da diversidade como elemento que enriquece o desenvolvimento pessoal e social é a condição mais importante para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e que a sociedade em geral, e a comunidade educativa em particular, tenham uma atividade de aceitação, respeito e valorização das diferenças.

A educação inclusiva tem de ser uma política de ministério da Educação em seu conjunto, porque implica uma transformação da educação como um todo. Começando pelo um currículo amplo e flexível que se possa diversificar e adaptar as diferenças sociais, culturas e indivíduos. O currículo tem de ser significativo e pertinente para todos os alunos e alunos e não somente para aqueles das escolas e culturas dominantes. Isso significa assegurar uma aprendizagem básica para todos, adaptar e diversificar o currículo para dar respostas a diversidade de necessidade educacionais do aluno.

A nova perspectiva e a prática da educação inclusiva implicam mudanças substanciais na prática educativa. Conseqüentemente a formação é uma estratégia fundamental para essas mudanças. Todos os docentes têm que ter conhecimentos básicos teórico – práticos em relação à diversidade, a adaptação do currículo a evolução diferenciada e as necessidades educacionais mais relevante, associadas a diferentes tipos de deficiência, situações sociais ou culturais.

É preciso também que se preste especial atenção aos aspectos afetivos e emocionais: escolas amigáveis. Tem que dar apoio a todos os alunos, valoriza-los e ter altas expectativas a respeito de sua aprendizagem, já que muitas vezes, os professores têm preconceitos que condicionam os resultados dos alunos. Os professores têm que ter claro, que todas as crianças possam aprender e utilizar todos os meios para o êxito.

Não podemos deixar de mencionar os critérios de avaliação e promoção. Uma questão crucial é como conciliar um ensino respeitoso, com uma avaliação igual para todos. Dada a perspectiva de uma educação inclusiva, como já foi dito o fim da avaliação não é de classificar ou rotular os alunos, mas identificar o tipo de ajuda e recursos que precisa para facilitar o processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social. A educação inclusiva, nesse caso, tem a função um serviço paralelo e sim colaborar com recursos e metodologias que sejam facilitadores da aprendizagem de todas as crianças em turmas regulares de ensino. Assim:

para o professor da sala de aula comum, é imprescindível que esteja preparado para receber o novo aluno, afim de que a inclusão não seja somente física e seja uma aprendizagem significativa para todos”. Para que aconteça tal aprendizagem é necessário saber o que o professor pensa, suas expectativas, suas ansiedades em relação ao diferente. É preciso saber, o que esse professor necessita e o que ele almeja. E como diz Milton: “o obstáculo principal à inclusão subjacente as crenças e atitudes, e não se vincula, necessariamente, a ausência de capacitação das escolas e professores” (MITTLER, 2003, p.78).

É muito discutida a questão do professor capacitado para ensinar a aluno com deficiência, no entanto, sua função é trabalhar conteúdos, o acompanhamento de especialistas não é dispensado. É certo que as instancias superiores não dão suporte as escolas para desenvolver um bom trabalho e isso dificulta um pouco, mais não elimina o esforço do educador.

Com relação ao Brasil em particular, o processo de inclusão ainda é muito lento, pois a lei garante, mais não dá subsídio para o apoio completo da inserção dos alunos com necessidades especiais. Sabemos que na sociedade brasileira, caracterizada por desigualdade econômicas e culturais, não é surpreendente o distanciamento entre as proclamações formais dos políticos e as práticas sociais levado a cabo nessa mesma sociedade. Como diz Mittler:

Qualquer política de inclusão precisa esta firmemente em base da suposição inicial de que todas as crianças devem ser educacionais em escolas regulares. Deu-se reconhecer que os obstáculos a inclusão estão na escola e na sociedade, e não na criança (MITTLER, 2005, p.09).

De acordo com o autor acima citado da há uma grande necessidade de criar políticas claras, mas para isso se desenvolver é necessário partir da concepção de inclusão. Segundo ele a inclusão envolve mudanças em três níveis:

1. Todas as crianças freqüentando a escola local, na sala de aula regular e com o devido apoio;
2. Todas as escolas reestruturando seu programa de ensino, pedagógico, avaliação e sistemas de agrupamento para garantir acesso e sucesso a todas as crianças, já comunidade;
3. Todos os professores aceitam a responsabilidade pelo aprendizado de todas as crianças, recebendo treinamento contínuo, apoio do diretor, do corpo administrativo da escola, de seus colegas e da comunidade.

É sabido também que além dessas mudanças, no âmbito pedagógico para eliminar barreiras da inclusão precisa-se que seja traçado o plano de inclusão individual, há crianças com a necessidade de apoio técnico, ou seja, que viabilize o acesso deles as salas de aula. Alguns precisam de acesso à sala de aula em cadeira de rodas, instalações recreativas e banheiros. Outros precisaram de medicação, muitas precisaram de auxílio pessoal de um assistente pedagógico em determinadas aulas ou atividades, pelo menos no início de aulas.

Cabe mencionar diante tudo isso, é que as baixas expectativas dos professores, ao lado da ausência de adaptação da estrutura física e pedagógica, além de processos avaliativos

centrados no caráter de seletividade e de classificação e exclusão dos alunos têm contribuído para o equívoco da rotulação e classificação de muitos alunos nas questionáveis categorias da deficiência.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOS DADOS

2.1 Estado de caso

O nosso trabalho é baseado em um estudo de caso, segundo MATOS, utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos por que estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos. (MATOS, 2001).

Trata-se de uma forma de investigações bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores.

O estudo de caso é uma pratica simples que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentado com limitação a possibilidade de generalização de seus dados. (MATOS, 2001).

Este estudo de caso foi realizado no período de Julho a setembro de 2007 na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Leomar Leite, localizada na cidade de conceição – PB. Iniciamos o nosso trabalho com o questionário a respeito do tema proposto: “Gestão focada na educação inclusiva” como um instrumento usado para obtenção dos dados dessa pesquisa. Daí consiste na conscientização de uma pratica gestora educacional mais inclusiva.

Aplicamos esse questionário a gestão no intuito de nos nortear realização desse trabalho. Assim utilizamos esse instrumento com objetivo de identificar os pontos positivos e negativos no trabalho educacional na perspectiva inclusiva.

2.2. Análise do questionário

Mediante o estudo de campo realizado na respectiva escola a qual ministramos oito mini-cursos, aplicamos um questionário que nos permitiu algumas reflexões de algumas questões pertinentes ao tema em questão: a diversidade dentro da escola, as dificuldades, que se dá através do despreparo dos professores e bem como o seu tradicionalismo, a falta de estrutura da escola que se dá tanto no seu espaço físico como na sua metodologia de ensino, entre outros, como também nas articulações dos gestores dentro da escola para a efetivação de um processo de mudança mais eficaz para uma aprendizagem mais precisa que favoreça a todos os educando sem exceção.

Seguindo uma ordem cronológica, as atividades do questionário foram divididas em cinco questões. A partir daí foi feita uma análise das questões respondidas.

Com base na primeira questão constatamos que a gestão destacou a importância de uma educação inclusiva para o processo de ensino-aprendizagem de cada educando. A escola inclusiva tem como princípio acolhimento de todos independente de raça, cor e sexo, o papel desta é aceitar a todos sem distinção.

Com relação a segunda questão que se refere a preparação do gestor constatamos que o mesmo não é tão preparado mas contudo, parece ser bastante otimista o que se refere aceitação das diversas diferenças dentro da escola. Podemos observar nesta questão que a gestora vê a inclusão escolar como um desafio a ser implantado dentro da escola, isto é um fato interessante.

Se tratando da terceira questão a qual vem tratar dos problemas enfrentados pela escola podemos observar que a escola não é tão preparada assim, principalmente no que se refere ao seu espaço físico e bem como a sua metodologia do ensino, felizmente, podemos perceber que a mesma está buscando se estruturar neste sentido, pois a partir do momento que se tem consciência de tal realidade, busca se mudança. .

A quarta questão que vem a tratar da preparação dos educadores deixou a desejar, pois os mesmos não estão tão preparados assim, tem medo do desconhecido por não estarem envolvidos o suficiente com tal temática. Sabemos que para que aconteça a efetivação de fato

é preciso haja amor e principalmente sensibilidade. O papel do professor não é ser passivo nem omissor, mas sim, um articulador de mudanças mais eficazes.

E por último vem à análise da quinta questão que trata da importância da gestão escolar para a efetivação do processo de ensino aprendizagem. Observamos nesta questão que os gestores parecem ser bem conscientes do seu papel, que não é somente administrar a escola, mas sim articular as mudanças dentro dela.

Analisando as respostas que os gestores deram a estas perguntas, podemos observar que algumas respostas referem – se a sentimentos negativos enquanto que outras a sentimentos positivos. Negativos quando se relata a falta de estrutura da escola e positiva quando se tem o otimismo de construir uma escola bem melhor do que atual.

Finalizando consideramos esta entrevista muito proveitosa, pois nos deu suporte para os nossos trabalhos nos mini-cursos apresentados e que apontou para os gestores e educadores alternativos para um resgate a sua cidadania, contudo, ainda há muito a se fazer nesse sentido, pois o fim da educação inclusiva e proporcionar o resgate da dignidade social.

2.3. Análise do estágio

O presente estudo de caso foi desenvolvido no período de julho a setembro de 2007, durante o estágio em administração, realizada na escola Leomar Leite citado anteriormente. O objetivo desse trabalho foi identificar quais os problemas que a gestão encontra em trabalhar na perspectiva inclusiva. O nosso objetivo foi desenvolvido com a participação da gestão e como também dos professores.

No primeiro encontro trabalhamos a temática da educação inclusiva. Esse momento foi importante porque nos direcionou ao levantamento dos pontos fortes e fracos da escola num trabalho na perspectiva inclusiva.

As contribuições desse primeiro momento foram muito gratificantes porque nos proporcionou a satisfação de podermos estar, de certa forma, levando uma mensagem que tem como princípio a aceitação da diversidade, pois, ao mesmo tempo em que se transmitia a

nossa mensagem, também recebemos outras através de relatos feitos pelos professores e bem como pelos gestores.

Podemos perceber que os professores da escola com a qual trabalhamos são bem informados no que se refere a educação inclusiva, embora o espaço escolar ainda não seja tão acessível, mas percebemos que os mesmos tem em mente a riqueza que a diversidade trás para a sociedade.

Para nossa surpresa observamos o quanto os professores foram congruentes em suas falas quando assumiram que ainda estão presos a um certo padrão de escola que é bastante tradicional, esta cultura é bem presente na vida de muitos, mas com tudo isto tem a perspectiva de mudarem tal conceito através de suas ações que em como principio a construção de um mundo melhor.

Tais relatos nos foram muito útil, pois como já mencionamos nos ajudou a refletir tal temática e bem como a nos conscientizar da importância da inclusão em nosso meio, pois tem como fundamento a heterogeneidade e bem como o respeito as diversas diferencias em nossa sociedade. Esta sim, é a verdadeira construção de um mundo cidadão.

No segundo encontro com a equipe de professores e gestões da referida escola, trabalhamos a temática sobre as contribuições que a inclusão escolar – trás para os alunos e professores. A princípio sentimos o desconforto e o despreparo de alguns professores, no entanto os textos informativos e a vontade impulsionou a leitura e a conseqüente anotação e destaques de pontos críticos nesse processo. Após esse primeiro momento fizemos uma breve explanação, onde pedimos que todos anotem as duvidas e pontos onde eles queriam fazer comentários, para que após a nossa explanação o grupo pudesse entrar na discussão acerca de tudo que estava sendo apresentado.

Feita a explanação e com o tempo aberto para o debate, chega o momento mais importante da apresentação do tema, a troca de experiências. Foi nesse espaço de tempo que podemos observar as contribuições que as atividades trabalhadas trouxeram para nós. Podemos perceber que todo o esforço e dedicação, estavam sendo compensados, pois a alegria e o prazer de estarem adquirido mais conhecimento a respeito da temática tão necessária, quanto urgente para a mudança de uma prática mais inclusiva.

A nossa maior satisfação, foi perceber que todos os participantes estiveram envolvidos na aula, buscando aprender todo o conteúdo, transformando o ambiente agradável e acolhedor, pois igualmente sentimos totalmente envolvidos, trabalhando cada vez mais para proporcionar a satisfação mútua.

E tanto os professores, como nós aprendemos muito sobre o processo de inclusão efetiva. Pois aprendemos que a efetiva inclusão de todos os alunos, que é acolher a todos sem nenhuma distinção, desenvolve um espírito de solidariedade, que favorece para aprendizagem de cada um.

Tal consciência adquirida no decorrer da preparação do nosso projeto e fortalecida no momento da apresentação pelos professores que confirmam tal conceito, nos proporcionou ampliar nossos horizontes acerca da educação inclusiva.

O terceiro encontro procura enfatizar os objetivos da inclusão e o papel da escola, dos que estão a frente desse importante trabalho. Procuramos demonstra que incluir não se limita ao simples fato de aceitar uma pessoa com limitações, seja esta física, mental ou qualquer outra que a diferencie das outras ditas e consideradas “normais”,mas acolher a todos independente de suas peculiaridades.

A partir dessa explanação passamos a discutir os planos positivos e o denominados críticos nesse processo, o grupo demonstrou muito interesse e disponibilidade para encarar essa missão, claro observamos o idealismo e também a fuga da realidade de alguns, mas que eram ao mesmo tempo sacudidos e alertados por outros que já tinham trabalhado com pessoas portadores de necessidades especiais, pessoas essas que eram detentoras de muita inteligência e garra, nos que as vezes eram impedidos de seguir por falta de apoio e conhecimento do meio.

Procuramos fazer uma análise do ambiente e pedir para cada um apontar pontos importantes dentro do espaço educativo que pudesse contribuir ou emperrar a inclusão. Este foi um dos momentos mais ricos do encontro, pois foi através do mesmo que concluímos que inclusão não é apenas eliminas barreiras físicas ou simplesmente oferecer ajuda para alguém passar por um determinado obstáculo, mas acima de tudo quebrar o preconceito que esta

dentro da sociedade e da escola, para assim fazer da educação uma força capaz de transformar a sociedade, que este passe a sentir e olhar todas as pessoas como seres humanos, como semelhantes e capazes.

No quarto encontro trabalhamos os obstáculos que a gestão encontra para promover a inclusão, num primeiro momento colocamos uma metáfora para fazermos uma reflexão sobre os obstáculos e que muitas vezes são necessários para alertar e até mesmo colaborar para criação de valores. Fomos bem sucedidos nessa estratégia, pois todos participaram ativamente da aula, promovendo em nós a vontade de irmos mais além daquilo que propomos fazer.

A troca de informação e as observações foram ganhando força e quando menos esperávamos nós que estávamos ali procurando desenvolver uma reflexão sobre os obstáculos que a gestão encontra dentro do processo de inclusão, estávamos começando a perceber que o problema tinha dimensão bem maior do que o imaginado e isso era demonstrado por pessoas que vivenciavam no dia – a – dia esses entraves.

Foi em meio a leitura metáfora e a troca de informação que realmente observamos que os obstáculos a gestão adivinham dos meios mais variados e adversos como política, social, material, financeira etc. Mais que este independente de suas origens era preciso ser superada para que só assim pudéssemos uma educação para todos.

Sentimos-nos gratificados e impulsionados a contribuir nesse processo de reestruturação da educação, pois somente o conhecimento e a interação com o ambiente é que nos leva verdadeiramente a querer contribuir para superação e evolução da educação. Sabemos que somente a educação é capaz de transformar um país que é através da mesma se chega ao desenvolvimento.

No quinto encontro trabalhamos com a equipe da referida escola a questão do vencer as barreiras e criar novos caminhos educacionais. Não foi difícil pois a questão dos obstáculos a inclusão já tinha sido trabalhado e os professores já trazia embasamentos sobre quase toda a temática apresentada. Esse encontro foi bastante importante para nós, devido a necessidade urgente de cada envolvido no processo educacional de se disponibilizar efetivamente para converter os obstáculos. Trabalhamos minuciosamente esse ponto com muito entusiasmo e

emoção, preparamos de modo a facilitar a compreensão da equipe, possibilitando o envolvimento deles com a mudança de atitude e respeito a inclusão.

O que mais desejávamos é que todos os participantes compreendessem a real importância de incluir, o valor da inclusão, o quanto é importante incluir efetivamente, para não passem a incluir como forma de administração exclusão, mas sim, aceitar com a diversidade ultrapassando todas as barreiras e ocorra um trabalho verdadeiramente inclusivo.

Notamos apenas de algumas opiniões que trazem acerca da inclusão que não era positiva para o trabalho inclusivo, foi distorcido no desenrolar da aula. Nossa visão diante de tudo apresentado até o presente momento, baseado em muitos estudos foi capaz de fazer com que os professores sentissem a real necessidade de transformação de uma prática escolar voltada flexibilização tanto de conteúdo como de concepção e atitude.

No sexto dia de estágio a temática trabalhada foi às atividades e os recursos didáticos pedagógicos no processo de inclusão. Para nós foi um de grande satisfação ministrar estas aulas, pois mais uma vez nos proporcionou um melhor aprendizado porque aprofundamos as discussões e juntos docente e gestores refletimos bem sobre tal temática.

No decorrer da aula, muitas foram às indagações dos professores e gestores a respeito dos recursos didáticos, claro que não tínhamos receitas, nem respostas prontas, mas mesmo assim buscamos através de conversas conscientizassem os mesmos de que a mudança era possível, basta que a escola tenha o compromisso e que acima de tudo acredite em tal mudança, ou seja, que se engajem na luta contra a exclusão e a seletividade tão presente na escola e bem como na sociedade ao longo da história.

Para que ocorra a efetivação da inclusão escolar é necessário que a escola se adapte, que busque desenvolver as habilidades de cada educando, atendendo a todos sem distinção de cor, raça ou sexo, é preciso que a mesma não garanta somente o acesso, mas principalmente de qualidade de ensino.

Nesse sentido, fica evidente a necessidade de se colocar em ações novas alternativas e práticas pedagógicas que tenha como objetivo favorecer a todos os educando através de transformações em suas metodologias de ensino que garanta um atendimento educacional

especializado, que as escolas tenham como eixo central a aprendizagem de todos os educando e que se abra em seu espaço para cooperação, o diálogo, a solidariedade e a criatividade. Tal procedimento irá favorecer o crescimento de toda a comunidade escolar.

Para que haja concretização da inclusão escolar é necessário que as muralhas que impedi o diálogo dentro da escola sejam quebradas e se organizem principalmente, em seu processo de ensino – aprendizagem que deixem serem menos transmissores dos livros didáticos e que passem a criar novas possibilidades de construção de um conhecimento mais eficaz de forma dinâmica e autônoma entre alunos e professores. Nesta perspectiva, a escola precisa refletir sua prática de atuação e ao mesmo tempo criar novas estratégias de ensino.

Ao encerramos as nossas conversas em sala de aula, sentimos que o tema foi bem explorado, mas, contudo isso ficou a desejar, pois as dúvidas e as inquietações principalmente dos educadores permaneciam, mais mesmo assim foi proveitoso.

Para nós trabalhar este tema foi de grande satisfação porque nós sentimos como parte de um processo de construção e que se deu através de uma relação dialógica buscamos desafiar a escola como a nós mesmos. Achamos bastante proveitosa essa aula.

Já no sétimo encontro o tema que foi abordado foi a avaliação do ensino e da aprendizagem na perspectiva inclusiva. Acreditamos que este encontro foi muito proveitoso tanto para nós quanto para professores e gestores, pois foi bem dialogado tanto na nossa parte como da parte dos educadores e gestores.

Para nossa surpresa entre relatos com os educadores percebemos que alguns foram bastante congruentes em suas falas quando assumiram e ainda estão presos ao certo padrão da escola que ainda nos dias atuais é muito tradicional em seus métodos avaliativos, esta cultura ainda é bem presente na vida de muitos professores, mas com tudo isso, tem a perspectiva de mudarem tal conceito através de suas ações tendo como principio a construção de um mundo melhor. Já outros docentes não parecem ser tão tradicionais em suas avaliações, embora também estejam presos a certos dogmas, buscam se libertar através de mediações que se faz entre educadores e educandos.

Esse momento foi importante porque nos direcionou ao levantamento de pontos fortes e fracos da escola com trabalho da avaliação. Tais relatos nos foi muito útil, pois com já

falamos anteriormente nos ajudou a refletir tal temática e bem como levou a conscientização de todos no que se refere a inclusão escolar, pois ela se fundamenta na heterogeneidade, respeitando as diversas diferenças na nossa sociedade.

O desenvolvimento desse trabalho avaliativo nos deu suporte para uma reflexão sobre o que é de fato avaliar. Avaliar não é cobrar “decoreba”, nem tão pouco medir se o educando chegou a um determinado ponto, mais se ele cresceu.

Para finalizar, achamos bastante proveitosa esta aula e acreditamos que os docentes e gestores terão um outro olhar no que se refere a avaliação, pois as nossas conversas contribuíram para uma análise de seus métodos, tais relatos irão beneficiar a toda comunidade escolar porque irá proporcionar a cooperação, o respeito e a valorização as diversas dificuldades encontradas

O ultimo encontro que foi ministrado teve como tema: “Uma escola de todos”, para todos e com todos. O mote da inclusão que também foi muito prazerosa ministrar esta aula, pois nos ajudou mais uma vez a amadurecer tais idéias a respeito da inclusão escolar.

No decorrer da aula muitas questões foram levantadas pelos educadores e gestores e devido a isto percebemos que falsas idéias foram se desmistificando e com isto, podemos perceber que os profissionais da educação se sensibilizaram bastante com as discussões da temática em questão e ficaram firmes em abraçar a causa com o propósito de acolher a todos sem distinção.

Outro fato relevante no que se refere aos aspectos fundamentais da comunicação é o trabalho em equipe para nossa surpresa parecia estar bem presente na escola com a qual trabalhamos, os educadores e gestores adquiriram uma capacidade maior de enfatizar os aspectos gerais da comunicação, reconhecendo assim, uma escola diversificada que é uma escola de todos e para todos.

Em virtude dessas questões o objetivo desses mine cursos foi promover a discussão e reflexão sobre tal temática, quanto a isto não nos frustramos o nosso objetivo foi atendido.

Assim finalizando estas falas, deixamos claro a quanto foi gratificante a oportunidade de podermos ministrar estas aulas, que apesar das dificuldades enfrentadas conseguimos terminar mais uma etapa, pois retiramos de cada debate o possível para aumentar tanto o nosso aprendizado como dos educadores e gestores isso certamente acrescentou em nosso aprendizado mais uma conquista de um estudante e futuro profissional. O que foi adquirido nesta fase nos levará a valorizarmos e empenharmos todas as nossas forças em prol da profissão que exerceremos no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da atual realidade educacional, surge a necessidade de uma escola para todos, que se efetive no propósito da escola inclusiva, um processo gradual e contínuo que se relacione com a reforma de todo sistema de ensino de maneira geral. A educação inclusiva deve ter como ponto de partida o cotidiano: O coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os alunos com necessidades educacionais especiais ou não, precisam ter acesso ao conhecimento, a cultura e a progredir nos aspectos pessoal e social. Dessa maneira a escola inclusiva garante para todos, o direito à educação o direito a igualdade de oportunidade e o direito a participação.

A conscientização de todos os educadores é parte fundamental nos princípios da inclusão. Como também são de uma relevância nesse processo, as condições da escola, o projeto pedagógico o envolvimento da gestão educacional, a mobilização dos pais e alunos. Tudo isso faz parte de uma mudança para inclusão. Essa mudança que envolve toda a comunidade escolar é necessária e contempla hoje não somente a inclusão dos alunos com deficiência, mas todos os que por diferentes motivos, encontram-se em situação de risco de não atingir o nível adequado de aprendizagem.

Uma discussão acerca do trabalho pedagógico desencadeado pela inclusão escolar exige que lembremos que o compromisso do educador tem como base a sua apropriação dos seus próprios recursos e instrumentos: como a observação, o diálogo, a negociação e a avaliação que retro alimenta o agir do educador. O professor que não é capaz flexibilizar objetivos e planejar com certo nível de individualização não consegue trabalhar com as classes heterogêneas que historicamente construirá o campo de atuação da educação escolar.

Diante disso, enfocar os processos metodológicos e matérias didático que facilitem a aprendizagem e a participação de todos os alunos. A questão central aqui é como organizar as situações de ensino para garantir o maior grau possível de interação e participação de todos os alunos, em perder de vista as necessidades de cada um. A resposta a diversidade implica a utilização de uma ampla variedade de estratégias metodologias e adaptação das tarefas de aprendizagem de todos os alunos.

A prática da educação inclusiva implica mudanças substanciais na prática educativa. Conseqüentemente a formação é uma estratégia fundamental para contribuir para essa mudança, onde todos os docentes tem que ter conhecimento básico, teórico, prático em relação a diversidade, adaptação do currículo, da evolução diferenciada e as necessidades educacionais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Cláudio R. **A inclusão e seus sentidos** IN: XII, Curitiba 2004.

CAVALCANTE, Meire. São Paulo: Abril: Revista nova escola, maio de 2005

BRASIL. **Constituição Federal de 1998** - Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro gráfico, 1998.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: Linha de ação sobre necessidades educativas especiais. OREAL/UNESCO. Brasília: CORDE, 1994.

BRASIL **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. Política de Educação Especial. Brasília: CORDE, 1995

HOPMANN, Stefan. **Las múltiples realidades de elaboracion de la política curricular**. In Revista de educación, nº 296, PP.43.72.

JESUS, Denise M. **Construindo uma pratica pedagógica diferenciada pela via da formação continuada**. IN IIX ENDIP. Curitiba: 2004.

MANTOAN: Maria Teresa Eglér. Revista Pátio, janeiro de 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa Educacional**: o prazer de conhecer . Fortaleza: Demócrito Rocha. UFC, 2001.

MENESES, Luis Carlos. Revista Nova Escola, outubro de 2006

MITILER, Pittler. Revista Pátio 2005. Vol. Nº32.

PARO. Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo. Ática.

ANEXOS

Questionário

1. O que você entende por educação inclusiva?
2. Você acha que a gestão está preparada para lidar com a inclusão escolar?
3. Quais os problemas que a escola enfrenta em trabalhar na perspectiva inclusiva?
4. Você acha que os educadores estão preparados para lidar com a inclusão?
5. Qual a importância da gestão escolar para o processo de ensino-aprendizagem?
6. Qual o papel da escola frente a diversidade?